

O IDEAL

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

ORGÃO DOS ALUMNOS DO "INSTITUTO DE HUMANIDADES"

... mais il est permis même au plus faible
d'avoir une bonne intention et de la dire.
V. Hugo.



Publicação quinzenal

ENCARREGADOS DE REDACÇÃO:

Leonel Chaves, José Carvalho e Fiuza de Pontes.

Numero avulso 100 rs.

Instituto de Humanidades

FUNDADORES:

Conego Vicente Salazar da Cunha.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.

LENTES:

Dr. José Carlos Ribeiro Junior.
C.º Agapito Jorge dos Santos.
Dr. Antonio Epaminonda da Frota.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.
Zacarias Gondim.
Tiberio Aboim.
Tristão Spinosa.
Monsenhor José Teixeira da Graça.
Conego Vicente Salazar da Cunha.

O IDÉAL

Fortaleza, 17 de Junho de 1894.

A lucta

Luctar é a condição da vida.

Como todos os seres organicos, o homem vem ao scenario do mundo abroquelado de armas que o defendem e multiplicam-lhe as forças.

Começam interminos combates desde o primeiro symthoma da existencia, e essa lucta enfrentando os elementos, cada vez mais porfiada e constante, vai-se prolongando com os annos, até que extenuado elle se confessa vencido e cahe.

E como se não fosse bastante essa lei fatal, inflexivel que disputa aniquilla-o,

a co-existencia social que alias deve protegê-lo na sua romagem de espinhos, quasi sempre conspira-lhe a mais dura guerra.

A vida torna-se então em circo de gladiadores alegre ou amarga conforme a satisfação do interesse.

A familia, a escola e a sociedade—são os tres estadios que tem a percorrer enjaulado entre as duras exigencias que lhe cream as relações do direito e do dever.

A familia! é o doce remanso da paz, a região serena da virtude e da pureza, o noviciado do amor, do respeito e do trabalho. Os mestres são os sorrisos dos paes e os affagos de corações irmãos, tudo é illusão para a tenra chrysalida que ensaia seu vôo.

A escola! é o pequeno mundo; encontros e difficuldades, interesses e vaidades contrariadas, intrigas e rivalidades, tudo é a miniatura do grande theatro que o espera, fructo que tendo de amadurecer, scintilha que virá explodir si a justiça e a religião não o acordarem ás grandes claridades da viriude e do bem.

A sociedade! é a batalha campal das ambições em jogo, o grande laboratorio de acções e reacções que apro-

ximam e distanceiam os homens.

E' n'esse meio que cada um fima sua posição, conquista seu nome e transmite—o á posteridade, cheio de luz ou de trevas, de bençãos ou de maldições, a medida dos sentimentos que lhe serviram de apoio entre as urzes da vida.

Moços, cheios da mais nobre ambição—a probidade e o saber, eis-nos no segundo estadio, tendo o livro por vexillario, o respeito por norma e a virtude por inspiração para entrarmos desassombrados no palco immenso da vida. Basta que tenhamos o molde.

A QUINZENA

Chronica? Sim. não promette tornar-se chronica pela assiduidade; mas será tão cumpridora de seus deveres quanto suas forças o permitterem.

O pobre chronista julga naturalmente que o leitor, attrahido, não pelo seu nome apocripho, mas pela epigrapha que promette mais do que dá deixa cahir aqui o seu olhar curioso. Por isto pede que o leitor antes de lançar o «Idéal» á cesta dos papeis... inuteis, para onde atira as involucros das cartas que recebe, lance-lhe o seu perdão de leitor complacente, porque pelo menos n'estas linhas de papel em branco em que só Deus e o... Cunha Ferro têm o privilegio de escrever certo, a penna do obscuro chronista procura ser leve como a pena imposta aos noivos aos quaes a polvora do sangue não deixou esperar...

..*



Cahi para a noite do Passado, em que relusem fogos fatuos das recordações o mez luminoso das flores e das novenas.

Nada mais deixou-nos que uma saudade...

Maio pertence ao passado e a nossa esperança ao mez das fogueiras que surge... S. Antonio e S. João!

Abençoados os santos de melhor gosto da corte celeste. Querem ser venerado entre luzes no meio de festas e alegrias. Abençoados sejam.

* *

Dobramos agora a folha ultima de dous livros, um de versos e o outro um gracioso romance. O primeiro *Ortivos* de Demosthenes de Olinda nos vem do Recife. O poeta, ainda bem, é adorador da forma, e si não tem ainda em todos os seus versos uma nota impressionista, uma cousa nova que nos convide a rele-o muitas vezes, sabe dar ao seu verso todo colorido artistico que é a vestimenta indispensavel á ideia. O outro livro, o romance é de Affonso Celso. E' uma narrativa graciosa, até certo ponto pessoal, em que a protagonista dá o nome ao romance de *Lupe*. O estylo não destuou dos *Vultos e Factos* e o livro prima ainda pelo colorido das imagens, tão bem buriladas pelo autor de *Minha Filha*.

O Ceará tambam não fica atraz na contribuição que todos os Estados fazem a litteratura nacional.

Está a sahir do prelo um livro de narrativas cearenses, a que o seu autor Eduardo Saboya, preparatorista do Lyceu, deu o nome de *Contos do Ceará*.

Aguardamos anciosos o seu apparecimento, como uma contribuição ao progresso sempre crescente que fazem as letras do Norte.

* *

O concurso de sonetos do *Ceará Illustrado*?

Chegou em primeiro o poeta Antonio de Castro, disse *O Commercio* ha dias Foi-lhe premiado o soneto *A Tarde*. Depois em segundo logar o poeta Alvarins.

E eis ali como um homem com quatoze linhas consegue deixar par aos seus filhos e netos a sua photographia... lythographada.

* *

A chronica tem a assignalar o desabamento parcial do Seminario. Quando fomos ver-lhe os escombros, ouvimos de uma mulher do povo, que da capella olhava por uma janella (às mulheres não se permittem a entrada ali) que ella escutara o estrondo e julgara ser algum castigo do céu... Mas vimos nós ali foi um milagre. Dormiam nos compartimentos que desabaram diversos seminaristas, e nenhum ficou sepultado debaixo dos montões de paredes, amortalhados pela treva d'aquella noite silenciosa, em que somente tinha para chorar-lhes o respingar da chuva...

Agora levantem-se as almas ricas de caridade em favor do Seminario, a que falta o auxilio governamental.

Façam-se subscrições e kermesses em favor de sua reconstrucção.

E uma vez que não morreu ninguem, parabens aos siminaristas que ficaram livres do susto.

E até mais logo, leitor.

P. TIZ.

«E' na vontade, que reside no mais alto gráo o poder do homem».

Embora rompendo grandes difficuldades, o nosso *Idéal* não desmentirá jamais perseveranças inquebrantaveis; ha de traduzir sempre em suas columnas diminutas, o desejo vigoroso d'estas aves, que ainda implumes, já procuram voar bem alto!

O nosso principio tendo sido baseado em expressões modestas, sinceras, justifica bem o nosso marchar lento, mas altivo, marchar, que n'esta phase de vida illusoria, vae em busca do prisma, cujas irradiações são duas centelhas fulgentes da civilisação: arte e sciencia.

As classes sociaes, evolutivas, que progridem em seus feitos, si não têm um orgão punidor dos seus direitos, o necessitam; mas elle, como o nosso, não se inicia com os floreios de estylos, peculiares, da alta litteratura.

E de olhos fitos nas transições futuras da vida, continuamos com o nosso franzino batel, transpondo valentemente os abrolhos do desanimo, nesse oceano em que nos serve de pharol a Fé que alenta a juventude.

Junho, 1894.

OCTAVIO MENDES.

A Superstição

D'entre o numeroso cortejo de preconceitos, que acompanha a ignorancia, servin-

do de obstaculos ao evoluir do progresso, é a superstição um dos que mais se salienta, pelas innumeradas desgraças á que arrasta aquelles que infelizmente desconhecem as suas inconveniencias. Esta palavra é além de tudo uma injuria contra Deus, pois o julga capaz de infligir-nos castigos, em um dia determinado, por meio de desgraças que só casualmente nos succedem.

Nos tempos passados, quando o denso e negro véo da ignorancia, ainda não havia sido rasgado pelos raios da cilivisação eram innumeradas e repetidas as desgraças que pesavam sobre os povos, que adorando a uma infinidade de deuses, em qualquer signal que apparecia no céu, divulgavam o prenuncio de um castigo, com que ficavam horrorisados.

Mesmo entre os gregos que se desenvolveram prodigiosamente e fundaram a civilisação mais completa e assombrosa da Historia Antiga, a superstição, dominava causando-lhes grandes males, que a Historia nos pantenteia. Foi a superstição a causadora do massacre de Nicias e Demosthenes no porto de Syracusa, e tambem da derrota e morte de Pelopidas o heróe thebano e seus trezentos intrepidos companheiros.

E' lamentavel que ainda hoje, quando a Historia nos commenta tantos factos dessastrosos causados pela maldita superstição, haja tantos supersticiosos que parecem querer, com essa doutrina de ignorancia, fazer paralisar a marcha progressiva da humanidade.

A superstição é propria dos desgraçados habitantes

dessas regiões, que infelizmente ainda não foram iluminadas pela luz benéfica da civilização, que expelle as trevas da ignorância, assim como os raios dourados do sol nascente, espancam a escuridão da noite.

L. CEZARIO.

CENTÊLHAS

Painel

Ao Luiz Cesario

Some-se ao longe o sol lá no occidente
Por sobre as nuvens raios derramando,
No azul pintando a gotta refulgente
De sua luz nas trevas mergulhando.

E vai assim no oçaso pincelando
A rubra côr, vermelha incandescente,
E parece que o mar tranquillamente
Ao sol, e ao céu, alegre vai beijando.

E na abobada os raios vão tingindo
A sua côr que vai se transmittindo
A face alva das nuvens espalhadas.

Então ao longe o branco das espumas
Vem para terra em turbilhão de rumas
Por sobre as ondas juntas, agrupadas!

FRÍZA DE PONTES.

Napoleão e Santa Helena

A Antonio A. de Menezes

Sobre um berço de espumas e escumilha,
Repouza junto ao pélagio infinito,
Como um tumulo enorme de granito,
De Santa-Helena a magestosa ilha.

Qual dos mares soberba maravilha
Foi alli que Napoleão proscripto,
Sobre as ondas em vão! lançou seu grito
Ao mundo inteiro q' a seus pés se humilha

Foi alli que escoaram-se-lhe os annos...
E que o dominador dos soberanos.
Contemplando a cerulea implacidez,

Alli viveu; morreu. E, para cumulo—
Da gloria, Santa-Helena foi seu tumulo...
Tumulo digno de um Leão francez!

ALVARO MARTINS.

O Evangelho

Uma das glorias do Christianismo, por ventura a mais brilhante é o seu código moral que sobre ele-

var o homem a mais levantada grandeza, realisa na sociedade a ordem e a civilização. Diante d'esse código de magestade sobrenatural e de perfeição absoluta curvam-se reverentes os proprios incredulos, e n'um momento em que a luz da fé brilhou em seo espirito entenebricido pelas sombras do erro tecem-lhe pomposos elogios, divinizam-no, divinizando seo autor.

A gloria de Socrates, o austero moralista do mundo pagão, empallidece diante da immensa gloria de Jesus, o grande reformadôr do universo que atravessa os seculos e as gerações illuminando-as com os esplendôres de sua palavra, aperfeiçoando-as com os benéficos influxos do seu código. A Historia consignou em seos annaes os fructos admiraveis que as disposições d'este código tem produzido no desenvolvimento moral do homem, na solida constituição da familia, na evolução social para o bem, e até nos progressos da esthetica.

A moral evangelica firmada nos dogmas transcendentales do christianismo, por isso que tem por ideal a realisação do bem em todas as espheras, fêz avultar a grandeza do homem, alluminou o genio nos grandes descobrimentos scientificos, deu azas ao espirito para voar até a's espheras do mundo supra-sensível deu inspiração a phantasia para crear as obras primas da belleza, e alargando os horisontes das nossas aspirações, mostrou-nos nessas infinitas regiões banhadas em esplendores de eterna luz, o supremo objecto em quem se realisam. O dogma christão tão necessario

para a elaboração e desenvolvimento da idéa foi a luz para a sciencia; a moral evangelica foi uma nova criação no meio do espantoso cahos do paganismo.

O Evangelho é a synthese da humanidade e Christo o unico, o verdadeiro factor da regeneração social.

* * *

Seminario

Pelas 3 horas da madrugada do dia 7 do corrente, o bairro da Igreja da Praia despertava ao rebate dos sinos. Chovia. A cidade anvolta em um sudario de trevas, não acudia ao signal que annunciava um sinistro; e o mar em sua queixa eterna e plangente unia seus lamentos aos brados angustiosos das victimas de uma catastrophe.

E' que o tecto de um vão do Seminario abatera-se sobre 17 cursistas que dormiam e quizera esmagal-os ao peso das ruinas. Horrovel! Dir-se-hia que o céu encerrara-se em um cortinado de trevas e temera fitar o abysmo.

No entanto a maior parte dos moços sem o saber explicar appareciam incolumes por cima dos escombros.

Horroroso e bello! Amigos, irmãos unidos pelos laços sagrados da Religião e do amor, da creença e do futuro sentiram todo o amargor, experimentaram de um golpe o effeito pungente daquelle momento de angustias, quando lembraram-se que alguns de seus collegas inevitavelmente deixavam de existir.

Impressão dolorosa, momento inenarravel!

Ainda assim não perderam a coragem, o desalento não lhes invadio a alma e guiados somente pela luz do coração procuravam salvar os collegas soterrados entre os quaes se achava o talentoso cursista Pedro Esmeraldo da Silva.

Herões! Ninguém morreu, nem um só sahio gravemente ferido!

O *Idéal* ao registrar este facto presta uma homenagem muito justa a esta parte da mocidade cearense aos herões do dia 7.

A PATRIA

Que palavra ha mais doce e que mais agradavelmente impulse um coração generoso? Patria.

E com effeito em cada canto de nossa terra natal vemos uma doce recordação da infancia, uma grata illusão de moço que nos proporcione momentos de inefavel prazer e de inolvidaveis impressões.

Ao pronunciarmos essa palavra bendita o coração estremece de

jubilo e a alma se inebria como de harmoniosa canção.

O exilado ao lembrar-se dos céos azulados de sua terra, de seus horizontes sem fim, de seus prados em flôr ou de seus amigos ausentes, involuntariamente suspira, interiormente lhe solta a alma um lamento d'envolta com os prantos do coração. Não é insignificativo o desejo de morrer em sua terra, não! certamente não! porque o verdadeiro patriota não conhece para seu amor nacional as raías da vida; elle vai mais além, elle não quer que seus despojos mortaes repousem em terra estrangeira. Oh! e o que inspira esse amor que não tem limites?!

A patria.

L. BEMVINDO.

FLORES E ESTRELLAS...

Ao Octavio Mendes

O jovem jardineiro amava extremosamente as flôres; eram ellas suas unicas amigas.

Só no mundo, sem uma convivencia amiga, elle havia empregado todo o seu affecto ás flôres, ás suas leães companheiras de infancia.

Era um desses rarissimos affectos impollutos que só medram n'alma candida e ingenua das creanças.

Fazia-lhe bem aquelle ambiente puro, feito do perfume embriagante das magnolias, e do aroma mystico, voluptuoso, dos resedás.

Era um gosto ver-se com que desvelo, com que carinho, elle despejava sempre o regadôr repleto d'agua fresca, borrifando vagorosamente aquelle lyrio tenro para não damnificar uma só petala!

Que alegria não patenteava-se em seu semblante, quando pelos orificios do ralo cahia aquella chuva d'aljofares brilhantes como se fossem estrellas subtraídas ao céu!

As flôres como que delicias n'aquelle banho vi-

vificante, sorriam para seu amigo, acariciando-lhe a fronte angelical com mil aromas suaves, embriagantes...

O dia inteiro passava elle a cuidar do jardim, escavando outras roseiras novas, tapetando de relva macia e bôa, as alameadas sombreadas que cortavam diametralmente o jardim.

Acompanva pacientemente a vida de cada uma das flôres quasi sempre alli ao pé dos vastos canteiros, receioso de que algum insecto imprudente polluisse as petalas frageis de alguma rosa meio-desbrochada.

Pelas noites estrelladas, quando a immensa cupola celeste marchetada de lan-tejoulas argenteas, lembra uma enorme capa de sultão, o jardineiro preguiçosamente estendido sobre o avelludado colchão da relva extensa, absorto, vivamente impressionado, começava a contemplar as estrellas.

Que ricas flôres! —bocejava elle—Como seria bom aguar as estrellas!

Ah! Se me fôra dado cultivar o immenso jardim do céu, como me sentiria feliz!

Havia de cuidar das estrellas com tanto desvelo! Ellas haviam de luzir tanto que faziam inveja ao proprio sol!...

Depois contristado, pensava em suas queridas flôres, as suas leães amigas, que não luziam tanto quanto as estrellas, mas que sabiam provar-lhe a mente de sonhos bons, fagueiramente azues...

E subito uma duvida assombrosa invadiu-lhe a alma; pareceu-lhe que n'aquellas estrellas radiosas palpitavam corações; sim, que elle acompanhava com o olhar suas scintillações activas que semelhavam o

tic-tac vibrante, de um coração ancioso.

E elle que tanto receio tinha de corações palpitan-tes...

Sim, porque podia se apaixonar pelas estrellas; ellas roubarem seu coração; e elle esquecer por uma vez suas queridas flôres que murchariam, sem uma caricia amiga, ao calôr inclemente do sol.

E, repellindo de sua mente infantil estas ideias assustadoras, o pobre jardineiro olhava distrahidamente para as estrellas, quasi adormecido, cerrando as palpebras somnolentas, sentindo ainda o perfume das flôres bafejar-lhe a fronte, com um pallido sorriso nos labios, n'um gesto de altivo desprezo, a rir, a rir, como si em cada estrella tremula, candente, palpitas-se um coração!...

Maio—94.

ALFREDO SEVERO.

«A Tuba»

Recebemos e agradecemos um numero desta conceituada Revista do Pará, cujo redactor é o virtuoso e illustrado prelado Ullysses Pennaforte.

Retribuiremos.

O "INSTITUTO DE HUMANIDADES" agradece ao publico e á imprensa cearense o bom acolhimento que se dignaram dispensar a "O IDEAL".